

Redacção, Administração e Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2º andar  
LISBOA - PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Oficinas de Imprensa e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-feiras - Não se devolvem os originais - Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VIII - N.º 2503

DIÁRIO DA MANHÃ

## Continua faltando a carne...

...e os consumidores continuam a consentir esta criminosa especulação dos negociantes de gado

Deus o que esperávamos: a carne faltou devido à famosa protecção à lavoura nacional, que consiste em colocar a população sob a alcada de algumas dúzias de negociantes de gado que provocam a alta das carnes, que provocam também a sua escassez, que provocam ainda a sua falta, à sombra dum impunito que revolta até aqueles seres submissos que parecem feitos da mais dessorada e lesmática subsistânciça.

Ontem acentuou-se ainda mais a falta de carne. Só a houve de vila e carneiro nias em quantidades incapazes de assegurar o abastecimento da cidade. Apareceu alguma de vaca, mas o seu preço subiu, como previríamos.

A proibição da importação do gado estrangeiro visava a provocar a falta de carne e a promover um aumento sobre o seu preço. Ningém duvidava de que esta especulação se viesse a dar. Os que pediram a referida proibição bem sabiam que pediam uma tratantada. E os que a autorizavam, não ignoravam o que ia acontecer. Sabiam de antemão o *complot* organizado por lavradores e negociantes a que visava. E, a-pesar-disso, não tiveram nenhuma dúvida em sacrificar dum maneira crueleissima uma população que da guerra para cá só existe para sustentar uma classe especial de vadios e para aumentar a fortuna dum desaforado bando que leva a existência a traficá-la, tornando-a objecto das mais vis mercâncias e das mais agatunadas esmoções.

Convencionou-se que esta população se compõe de resignados e de esfomeados; de resignados perpétuos que se humilham submissamente a todas as explorações e de esfomeados que só existem como matéria prima de toda a espécie de ladões e de toda a sorte de roubalheiras. Enquanto existir a crença na resignação passiva desta população de sangue gelado e de vontade inerte, hão de dar-se factos escandalosos como este que vimos verberando.

A questão da falta de carne não deixará de repercutir-se numa maneira desastrosa na carestia da vida. E' fácil de ver porquê: não havendo carne, aumenta lógicamente o consumo do peixe, único recurso da população nesta emergência. E ficando a população entregue sem defesa, visto que com a carne lhe faltam um dos mais eficazes meios de se alimentar, nas mãos dos negociantes de peixe, estes preparam-se logo para exorbitar ainda mais.

E' quase certo que o peixe subirá de preço. Os negociantes não deixarão escapar mais esta ocasião magnifica para redobrar a sua exploração.

Não venham depois ludibriar-nos com paliativos, anunciar-nos medidas excepcionais que metam na ordem os negociantes de peixe. E' bom não abusar da paciência colectiva; não há o direito de roubar a população e de, ainda por cima, intrui-la.

Não se ouve falar em providências para remediar, ou, melhor, para pôr termo à falta de carne que hoje ainda há de ser mais acentuada. A imprensa mantém-se silenciosa, como se este assunto não tivesse importância e não afetasse gravemente toda a população.

Ali, na Câmara Municipal, há um inspector chamado Cayola, inspector que é também vendedor. Pois este mercador-inspector ou este inspector-vereador Cayola, de nome e de facto, limitou-se a vir dizer aos jornais com grande argumentação toda ela baseada em algarismos mais ou menos vagos e em razões mais ou menos abstractas, que a respeito da questão das carnes... entendia que era preciso "moralizar" os serviços do Matadouro, como se porventura as ideias deste senhor, cuja história se há de fazer com adjetivos de algum poder virulento, substituíssem a carne que falta na panela do consumidor. Neste momento lamentamos sinceramente que a população não seja composta de antropófagos para ele ter o destino que merece.

A importação de gado não se faz

# A BATALHA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director: MARIO CASTELHANO  
Editor: SILVINO NORONHA  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 28550; África Portuguesa, 6 meses 66000; Estrangeiro, 5 meses 102000  
PAGAMENTO ADIANTADO

SÁBADO, 29 DE JANEIRO DE 1927

### UMA NOTAVEL INSTITUIÇÃO

**A Universidade Popular Portuguesa**  
pretende realizar uma obra educativa para desenvolvimento social do proletariado

### Um grupo de homens digno de foda a solidariedade

A Universidade Popular Portuguesa foi fundada por um grupo de homens conhecedores profundos da moderna pedagogia e sentindo-se animados de uma grandiosa obra de educação popular.

Nunca deixámos de seguir com carinhosa e desinteressada atenção toda a actividade de admirável instituição; nunca deixámos de recomendar, para proveito das classes operárias, os extraordinários benefícios que a Universidade Popular Portuguesa lhes oferece.

A existência da popular instituição tem passado várias fases, nunca deixando, porém, de exercer uma ação meritória e humana. Alguém que à Universidade Popular Portuguesa tenha dado o seu esforço, em colaboração com outros elementos de grande valor, teve com um redactor de *A Batalha* uma conversação elucidativa. Reproduzindo as passagens mais salientes dessa conversação, exaltámos-nos, por inspiração alheia, mas, também, com sincera admiração, os extraordinários benefícios que a Universidade Popular Portuguesa lhes oferece.

Além de bibliotecas móveis que se transferem de secção para secção permanecendo em cada uma o tempo preciso para serem lidas, temos a nossa biblioteca instalada na sede da Universidade que põe à disposição dos seus frequentadores alguns milhares de obras,umas dez mil, pouco mais ou menos, sobre os mais variados assuntos.

### Um admirável programa que convida os estudiosos

— É quanto ao restante do plano educativo?

— Além de bibliotecas móveis que se transferem de secção para secção permanecendo em cada uma o tempo preciso para serem lidas, temos a nossa biblioteca instalada na sede da Universidade que põe à disposição dos seus frequentadores alguns milhares de obras,umas dez mil, pouco mais ou menos, sobre os mais variados assuntos.

— Admirável! — exclamámos.

— Sim, admirável... E deixe-me dizer que mediante um pequeno depósito que não excede o valor da obra o sócio poderá ler em sua casa.

Inquirimos dos outros pontos do plano educativo da Universidade Popular. E o nosso amigo esclareceu:

— Incluímos no plano de educação, edições populares de vulgarização; concertos sinfónicos e de câmara; orfeões populares;

a Hora dos Contos, on domingo, com dansa, canto, trabalhos manuais; consultório pedagógico; leituras públicas; cursos especiais de puericultura, economia doméstica; grupos de estudos; orientação profissional; laboratório de psicologia experimental; serões de arte; palestras sobre os grandes artistas e suas obras no que têm de mais interessante sob o ponto de vista social; leituras comentadas; biografia dos grandes vultos da humanidade que mais tenham contribuído para o aperfeiçoamento do ser humano e para a felicidade social portanto, etc., etc.

— É uma obra cuja simplicidade realização a toruará notável...

Um sorriso iluminou o rosto do nosso amigo. E assim nos manifestou o seu profissionalismo num obra de larga educação popular:

— Oxalá sejamos compreendidos pelas coisas no seu devido lugar, começando por adoptar outros processos e vá de convocar reuniões para tratar do assunto Federações, e dizemos elementos, que não são de facto os organismos que constituem os responsáveis, — então vamos dizer, é com este processo, calunioso, mentindo, difamando, que se querem impor à consideração da restante organização?

Por aqui se poderá inferir dos intuios que animam esses elementos. Questão Federações - C. G. T. — motivo aparente. Desvio dos elementos que possam contrariar em parte suas intenções tendenciosas, objectivo em vista.

— Oxalá sejamos compreendidos pelas coisas no seu devido lugar, começando por adoptar outros processos e vá de convocar reuniões para tratar do assunto Federações, e dizemos elementos, que não são de facto os organismos que constituem os responsáveis, — então vamos dizer, é com este processo, calunioso, mentindo, difamando, que se querem impor à consideração da restante organização?

Continua a especular-se com êste facto e diz-se que uns delegados não tomaram parte activa no conflito, para justificar a sua estada no actual Conselho.

E porque se afirma isto? Pelo facto de não terem erguido a sua voz para qualquer dos lados? Mas votaram pró ou contra qualquer das correntes estabelecidas, e documentos sobre o conflito e não para ultimar, como por exemplo dum vez foi aprovado um requerimento que cortava a palavra aos oradores inscritos e depois são os próprios delegados da Federação do Livro e do Jornal que apresentam um outro documento desfaçendo aquele.

Então só pelo facto de não falarem, se poderia deduzir que se não inclinaram e defendem qualquer posição?

Mesmo no actual Conselho, onde se deveriam então abster, para demonstrar a sua imparcialidade, para que votaram contra a entrada dos três elementos em questão?

Quem prova mais clara?

Sobre Silva Campos à frente da C. S. T. de Lisboa, nomeado no último Congresso por 15 organismos, seria escusado tratar-se desse assunto, visto que a descrição a que o manifesto alude ser desconhecida, todavia sempre diremos que quem não quis continuar no cargo de secretário geral da Câmara foi o próprio Silva Campos e perante a sua insistência, que foi aceite o seu pedido de demissão. Contudo, a maioria do Conselho manifestou-se pela sua estada ali, reprovando até uma moção de desconfiança que foi apresentada.

São diferentes os casos apresentados e é bom não alimentarmos confusões.

Então é desta forma, repetimos, que queremos impor à consideração dos restantes organismos?

Processos sintomáticos

Processos sintomáticos diremos nós. E queremos maiores sintomas do que aqueles de que atrás falámos das reuniões efectuadas para se tratar da questão Federações-C. G. T.; para só quase se ventilar unidade sindical e questões de tendências?

Aí vai:

Congregada com esta questão Federações andou uma outra que é a da unidade sindical...

Há quem se esteja aproveitando da questão Federações para vêr se consegue levar estes organismos a marcar uma posição diferente da que os congressos operários têm imprimido à C. G. T., mas isto feito muito subtilmente, não vá estragar-se o trabalho...

Há dias, porém, a questão ia-se aclarando por completo e tudo iria por água abaixo. Houve equívocos, mas a desconfiança que até ali não havia entrado no cérebro de muitos camaradas, começou por preocupá-los, pela atitude tomada por alguns elementos, frenéticos defensores da unidade sindical...

Há dias, porém, a questão ia-se aclarando por completo e tudo iria por água abaixo. Houve equívocos, mas a desconfiança que até ali não havia entrado no cérebro de muitos camaradas, começou por preocupá-los, pela atitude tomada por alguns elementos, frenéticos defensores da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Processos sintomáticos

Processos sintomáticos diremos nós. E queremos maiores sintomas do que aqueles de que atrás falámos das reuniões efectuadas para se tratar da questão Federações-C. G. T.; para só quase se ventilar unidade sindical e questões de tendências?

Aí vai:

Congregada com esta questão Federações andou uma outra que é a da unidade sindical...

Há quem se esteja aproveitando da questão Federações para vêr se consegue levar estes organismos a marcar uma posição diferente da que os congressos operários têm imprimido à C. G. T., mas isto feito muito subtilmente, não vá estragar-se o trabalho...

Há dias, porém, a questão ia-se aclarando por completo e tudo iria por água abaixo. Houve equívocos, mas a desconfiança que até ali não havia entrado no cérebro de muitos camaradas, começou por preocupá-los, pela atitude tomada por alguns elementos, frenéticos defensores da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da unidade sindical...

Foi o caso seguinte:

Alguns camaradas que julgavam possuidos de maior sinceridade, defendem o princípio do "sindicalismo basta-se a si próprio". Dentro deste critério, apresentaram numa dessas reuniões o alívio da constituição dum grupo para a propaganda a realizar nesse sentido, grupo a que deveriam aderir os que têm feito a propaganda da un

## NO TRIBUNAL DE SINTRA

Foi condenado a prisão correccional e multa o trabalhador Francisco dos Santos que alguns soldados da G. N. R. submeteram às maiores barbaridades

A audiência—Uma testemunha que faz rir o auditório—A acusação—Um brilhante discurso do defensor—A sentença—A impressão do público

(Do nosso enviado especial)

SINTRA, 28.—Aquele vago murmurio pronunciado pelo auditório quando na sala de audiências do Tribunal do Comarca sibilaram as frases do juiz-presidente anunciando a sentença condenatória do trabalhador Francisco dos Santos, ficou estereotipado na nossa memória, como impressão nua alucinação. Na verdade, não se confava com este resultado. Mesmo nós, que apenas conhecemos o acontecimento pelas vagas informações que chegaram à redação, acreditámos, no decorrer da audiência de hoje, que o tribunal absolvesse o réu.

Contudo não era justo dizermos que queridos os juízes, tanto o que presidia como o que representava o Ministério Público, foram severos. A condenação foi ditada mais para prestar a autoridade do que por respeito ao Código Penal. Neste calhamaço há cláusulas que absolviam todos os actos de Francisco dos Santos, desde a agressão ao guarda-republicano até ao uso ilegal da arma.

Mas era preciso condenar o réu porque ele tentou contra o princípio da autoridade, era preciso castigar Francisco dos Santos porque ele desrespeitou a Ordem.

Assim o proclamou o senhor delegado do Ministério Público, assim o aplaudiu o senhor juiz-presidente.

O advogado de defesa, um novo no foro, numa argumentação bem equilibrada e abundante de provas e de factos, demonstrou com clareza quanto são nocivos à harmonia social muitos dos individuos que se refugiaram na corporação a quem pertencem os soldados que maltrataram o réu. O delegado do Ministério Público, ainda em nome da Ordem, replicou à defesa, mas esta até ao fim provou que o seu constituinte foi levado ao acto que o tribunal está julgando para não ser morto pelos soldados da G. N. R., como em outros casos sucedeu em Sintra e outras terras do país.

No entanto Francisco dos Santos foi condenado, embora numa pena leve, porque as conveniências da sociedade assim o exigiram.

## A abertura da audiência

À meio dia a sala de audiência regorgava de povo. O jornalista tenta chegar à teia, mas o beleguim tolhe-lhe os passos:

— Não pode passar sem autorização do senhor juiz.

Esta autorização demora-se e ante a iminência de fazermos a reportagem sobre os joelhos dispunhamos-nos a retirar quando fomos convidados a ocupar uma mesa junto ao juri.

Minutos depois o tribunal é constituído pelo sr. dr. Alvaro Miranda Pinto de Vasconcelos, juiz-presidente; sr. dr. Albano da Fonseca Borges, delegado do Ministério Público; sr. dr. Alfredo Ary dos Santos, defens; e o sr. Abel Anibal Martins Correia que servia de escrivão. A direita formava o juri.

Vai principiar a audiência. O réu ocupa o seu lugar. Porém de súbito e por conveniência do tribunal é suspenso esta audiência por alguns minutos.

Entretanto foi julgado e absolvido em audiência correccional um indivíduo de Carençor por exercício ilegal de caça.

Reaberta a audiência de juri o réu Francisco dos Santos volta a sentar-se no fatidico banco. Responde nestes termos às perguntas do presidente do tribunal:

— No dia 19 de Janeiro de 1926 estava numa taberna em Sintra conversando com uns amigos. Pediu um copo de vinho e ofereceu outro ao soldado 21 da G. N. R. Este quando lhe viu na carteira uma nota de mil escudos—cuja proveniencia o réu explica ser dum prémio da lotaria—deu-lhe voz de prisão. O réu estranhou o insólito procedimento do guarda e este sem mais aquela deu-lhe um empurra e na ruas bofetadas. Quando seguia para o Pósto, onde eram frequentes as agressões a prêses, o Francisco dos Santos, com receio de ter igual sorte disparou um tiro que foi ferir no ombro esquerdo o mesmo soldado. Depois, sempre receoso de nova agressão, fugiu para Galamares onde se entregou à prisão. Dali transitou para a esquadra da polícia de Sintra donde saiu para o Pósto da G. N. R., em virtude de uma falsa requisição dum cabo desta corporação.

O que neste Pósto se passou já contámos há dias. Os soldados da G. N. R. agrediram-no selvaticamente, puseram-lhe um se-

fazem instintivamente recuar com náuseas. O povo viu atravessar pelas ruas aqueles jovens e crianças, instrumentos inconscientes nas mãos do jesuítico astuto, não com admiração e aplausos, como falsamente informa o correspondente das *Novidades*, mas com uma gélida indiferença, a que não se exteriorizaram devido à natural benevolência e tolerância do povo desta cidade.

As cerimónias da inauguração do corpo de escoteiros constaram de missa solene na Sé Catedral, benção das bandeiras pelo bispo-conde, cumprimentos às autoridades locais e um sarau ce galo no antigo teatro Sousa Bastos, hoje sucursal do Seminário de Coimbra.

No sarau produziram-se inflamados discursos, de mistura com furiosas invectivas aos pedreiros-livres, aos impíos, a todos aqueles que não vão na estrela da Santa Madre Igreja, fazendo-se ouvir as estrofes da *Portuguesa* (9), cantadas em coro, alternadamente, com um estribilo proferido pelos escoteiros que reza assim:

— Fiel!... Fiel!... Fiel!... Pela Rainha Santa Isabel!...

Não sabemos se os leitores ignoram que os preceitos do escotismo são de sobriedade e de mordigeração de costumes.

O escoteiro, seja ou não católico, não deve ingerir bebidas alcoólicas, nem deve fumar.

Pois bem. Um dos instrutores e principais organizadores dos escoteiros católicos, reverendo pároco dum qualquer freguesia, goza da fama de ser um fiel e constante devoto de Deus Baco e admirador fervoroso do dr. Nicoll...—C.

O réu, que até aqui tinha manifestado

grande tranquilidade, chorou neste momento. E o dr. Ary dos Santos termina nos seguintes termos:

— Senhores jurados: um ano de prisão e as violências que sofreu o meu constituinte são a mais dura pena que ele poderia sofrer.

O discurso do defensor calou bem na assistência.

## A réplica e a tréplica

O delegado do Ministério Público replicou, pois, quer que o público fique com a noção de que a G. N. R. é uma corporação de ordem. Muitos dos factos narrados pelo defensor talvez sejam determinados por emergências sociais explicáveis.

O defensor tréplica explicando que combatet apenas os atropelos dos soldados e não visou a instituição G. N. R.

lim sobre o dorso, esporearam-no e morreram nas costas.

Feito o depoimento do réu o juiz presidente declarou:

— O réu é acusado de homicídio frustrado e de porte ilegal de arma.

O réu:

— A arma comprei-a dois dias antes da ocorrência.

Depois o advogado de defesa leu a contestação pedindo que o seu constituinte fosse absolvido.

## O réu mordeu as costas...

A seguir principia a inquirição das testemunhas de acusação.

O soldado 236 da G. N. R., Robalo Martins, disse que estava a jantar quando ouviu um tiro. Correu à porta a ver o que se passava. Como ouviu um seu colega dizer: fogu que nos querem matar, retraiu-se.

O delegado do Ministério Público:

— Enfia a senhora testemunha, como milita que é, não se envergonha de dizer que fugiu quando ouviu um fogo?

Visível atrapalhação da testemunha.

O juiz delegado perguntou à testemunha se conhecia alguns factos que se relacionam com as agressões de que foi vítima o réu.

Resposta:

— Se bateram no réu na taberna é porque ele não queria ir... Não o podiam levar ao colo.

A testemunha vai metendo os pés pelas mãos. O auditório verifica que a requisição para a entrega do réu ao Pósto da G. N. R. foi apocrifa. O intuito era sovar o réu.

— Como explica a senhora testemunha as contusões e ferimentos que o réu tinha pelo corpo quando foi examinado no Pósto?

— Pergunta novamente o juiz-delegado.

A testemunha:

— O réu quando fugiu deu várias quedas. As contusões devem ser dessas quedas.

Defensor:

— Senhora testemunha: e os sinais de dentadas que o réu tinha nas costas também são das quedas?

— Um vermelhão intenso iluminou a face da testemunha, enquanto no resto dos círculos brilhou um sorriso indiscreto.

Entre a testemunha, o defensor e o juiz-delegado trocam-se explicações. E a testemunha retira, deixando-nos apenas a contestação de que sabia o que os seus colegas lhe disseram.

O que serve a peneira? Dizem esses cavalheiros que é para aproveitar a farinha exposta que se acumula nas tendeiras e nas massas.

Não é verdade. A peneira dentro das padarias só tem servido até à data para aproveitar todos os dias que se varre a casa, à mistura com escartos dos operários (*dentro das padarias não há escarradores*), excrementos de ratos e gatos, terra que vem pegada aos pés de quem entra, uma pequenissima porção de farinha que se expõe pelo chão, durante as horas de trabalho; mas que é aumentada com um preço mais elevado, não se conformam agora com uma diminuta baixa nos seus lucros.

E daí, o irem para a sua associação de classe protestar em altos gritos contra o aludido decreto que tão abusivamente os vinhos prejudicam nos seus interesses.

Protestaram esses cavalheiros contra a supressão das peneiras dentro das padarias, baseando-se para tal na higiene. Tártulos! Como se não, operários que labutam dentro das mesmas padarias, não sábem que a peneira é um dos muitos factores que contribuem para que o pão seja pouco higienicamente manipulado.

Para que serve a peneira? Dizem esses cavalheiros que é para aproveitar a farinha exposta que se acumula nas tendeiras e nas massas.

Não é verdade. A peneira dentro das padarias só tem servido até à data para aproveitar todos os dias que se varre a casa, à mistura com escartos dos operários (*dentro das padarias não há escarradores*), excrementos de ratos e gatos, terra que vem pegada aos pés de quem entra, uma pequenissima porção de farinha que se expõe pelo chão, durante as horas de trabalho; mas que é aumentada com fôdas porcasias acima citadas.

Não é verdade. A peneira dentro das padarias só tem servido até à data para aproveitar todos os dias que se varre a casa, à mistura com escartos dos operários (*dentro das padarias não há escarradores*), excrementos de ratos e gatos, terra que vem pegada aos pés de quem entra, uma pequenissima porção de farinha que se expõe pelo chão, durante as horas de trabalho; mas que é aumentada com fôdas porcasias acima citadas.

— Cremos que deve ser o contrário.

Protestaram também contra a diminuta percentagem que o recente decreto lhes concede, e para surpreender essa falta resolveram como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

— Cremos que deve ser o contrário.

Protestaram também contra a diminuta percentagem que o recente decreto lhes concede, e para surpreender essa falta resolveram como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.

Ora isto ouve-se e não se acredita.

Que éramos defendendo o que têm roubado, e uma situação que lhe permitia a continuação do mesmo roubo, está certo segundo a sua consciência corrupta, mas que queriam como medida de salvaguarda, diminuir nos já parcos salários dos seus operários 20%.</p



# A BATALHA

## A ciéncia na educação [O problema da instrução está circunscrito a um conflito perpétuo entre os estudantes e o Estado]

Fazer da criança um indivíduo apto a cooperar conscientemente na vida e no progresso sociais, eis o fim último da educação. Este fim, o único que a pedagogia moderna nos aponta, tem sido habilmente desvirtuado por seitas religiosas e políticas no sentido de manterem e alargarem o seu predominio na sociedade. Aqueles que desejam um indivíduo melhor dentro dumha sociedade melhor cabe a missão de libertar a educação das mãos dos seus usurpadores, dando-lhe a finalidade que a ciéncia lhe impõe, o interesse social exige e a nossa razão aceita.

Um dos meios a empregar para conseguir o fim que a educação se propõe é necessariamente a instrução. O indivíduo não poderá cooperar conscientemente na vida e no progresso da sociedade sem conhecer bem a sua posição dentro desta e dentro da natureza. A experiência pessoal do indivíduo é impotente para lhe fazer adquirir este conhecimento. Portanto o ser humano é naturalmente impelido a assimilar a experiência das gerações que o precederam; experiência que a humanidade conserva e lentamente enriquece graças a esse meio de transmissão chamado linguagem — que a invenção da escrita e da imprensa sucessiva e consideravelmente aperfeiçoaram — e que existe sistematizada sob o nome de ciéncia.

A assimilação inteligente da ciéncia é, pois, tão importante para o homem como a assimilação da linguagem. Sem esta o homem não pode comunicar com os que o rodeiam senão dum modo muito imperfeito; não pode receber deles os resultados da experiência colectiva contemporânea, nem lhes pode transmitir quaisquer resultados que porventura obtenha por meio da sua experiência pessoal. Sem aquela o ser humano não pode receber a experiência das gerações passadas, nem pode comunicar nada de importante às gerações futuras. Todo o ser humano normal tem, pois, necessidade de conhecer a ciéncia, como tem necessidade de conhecer a linguagem. Se, sem a segunda, em pouco sobreveio os outros animais, pouco se distingue do homem primitivo desprovisto da primeira.

Que a educação, tal como a compreendemos, deve estender-se a todos os indivíduos, não pode sofrer contestação. Com efeito, é que razão obriga a educar uns indivíduos de preferência a outros? As diferenças naturais? Mas estas, enquanto se trata de indivíduos normais, não são de modo nenhum um obstáculo à educação para todos, porque nunca são tão profundas como muitos supõem e outros querem fazer acreditar. É necessário destruir este prejuízo. Todos os indivíduos podem receber a mesma educação geral. As diferenças naturais traduzem-se apenas em diversidade de aptidões especiais, que, impedirão naturalmente os indivíduos a terem profissões diversas, o que é até uma sólida garantia de bom funcionamento social e de progresso individual colectivo. O pretendido obstáculo das designações sociais nem merece a discussão. A única coisa que é prova é que a presente organização social é má e deve ser substituída por outra onde tais designações não possam manifestar-se. A difusão desta verdade trará consigo a difusão da educação, e esta por sua vez fará dessa aspiração uma realidade. Só então a humanidade sairá da sua infância e triunhará direcções de que nós agora mal podemos suspeitar.

Educação para todos, mostramo-lo. Portanto, ciéncia para todos. Mas o saber humano adquiriu já um desenvolvimento tal, tornou-se tão vasto, que nenhum cérebro se pode gabar de o possuir na totalidade. Mesmo o estudo dum só das ciéncias em que o saber humano se reparte pode entretê-lo a vida dum homem. De modo que se não pode sequer sonhar em ministrar ao indivíduo, durante o período da educação escolar, o conhecimento de todas as ciéncias em todos os pormenores. De resto, ainda que isto fosse possível, não seria necessário, porque, como disse Guyau, «a ciéncia ainda vale mais pelas vistas gerais, pelas perspectivas que nos desvenda sobre as coisas, do que pelo conhecimento dessas coisas em si; vale mais pelas indicações tiradas dos factos, do que pelos factos adquiridos; numa palavra, a ciéncia, mesmo a da natureza, vale sobre tudo, poderia dizer-se, pelo que ela contém de humanidades». O que é possível e necessário é fazer adquirir pela criança as verdades fundamentais de cada ciéncia; esta aquisição deve, é claro, fazer-se progressivamente, aumentando-se o número de conhecimentos e o desenvolvimento com que são apresentados proporcionalmente à idade da criança. Esta chegará assim à idade adulta com um conhecimento suficiente do seu lugar dentro da natureza e da sociedade, fornecido pelas ciéncias físicas, naturais e sociais, com as faculdades intelectuais plenamente desenvolvidas principalmente pelo estudo das línguas e das ciéncias matemáticas, e com o carácter formado num sentido social pelo estudo da literatura, da história e da ética. E esta é obra a realizar pela escola única de cultura geral, que deve substituir as actuais escolas primárias e secundárias.

Eis a educação intelectual que deve ser ministrada a todos os indivíduos normais, e só destes nos ocupamos aqui, sem exceção alguma. Só então surge a necessidade da instrução profissional ou técnica, que vem corar excelentemente a educação social do indivíduo, habilitando-o a exercer profissionalmente uma profissão, que deve ser livremente escolhida pelo indivíduo considerado. Esta escolha não oferecerá para ele nenhuma dificuldade, atenta a educação geral anteriormente recebida; já porque esta lhe destruiu o estúpido preconceito que qualifica certas profissões de «menos decentes», já porque todo o ser humano que atingiu o limite do crescimento com uma tal educação geral tem necessariamente uma tendência mais forte para uma certa profissão. Esta tendência, só por si, garante o êxito do indivíduo na aprendizagem da profissão que escolheu e, consequentemente, no desempenho dessa profissão.

E é claro que, actualmente, isto não pode passar-se rigorosamente assim, ainda que se conseguisse substituir, dentro do existente, o que, diga-se de passagem, não é possível, a presente organização escolar por aquela que preconizamos. Isto resulta das desigualdades económicas e não nos longaremos a demonstrar o que um pouco de reflexão prova exuberantemente. Por isso o educador, o educador moderno e

## O problema da instrução está circunscrito a um conflito perpétuo entre os estudantes e o Estado

De há anos para cá a população escolar vive em permanente conflito com o Estado. Raro é o mês que não atravessam as ruas da Baixa, bando de estudantes. Onde vão eles? Ao Terreiro do Paço protestar contra determinada medida dos que superintendem nos assuntos de instrução.

Daqui resulta que os estudantes estão transformados em protestantes perpétuos. Na maioria dos estabelecimentos de ensino as escolas conservam-se cerradas herméticamente durante quase todo o ano lectivo. Por falta de professores? Não; por falta de estudantes. Mas, onde estão eles, esses famosos estudantes, que aparecem no inicio do ano lectivo inscritos por milhares? Onde estão? Estão em greve—invariavelmente.

Mas estarão em greve como pretexto para se escapulirem do estudo? A isto só responderá afirmativamente qualquer mal humorado funcionário superior do ministério da Instrução.

Em primeiro lugar, os alunos não são pessoas emancipadas, pois vivem sob uma restrição tutela moral e económica dos seus pais ou tutores. E como o ensino custa muito caro e só é acessível aos ricos e nem todos os estudantes o são, os seus pais ou seus tutores não vão, decerto, levianamente consentir que eles percam o ano por faltas ou que levem a formar os seus cursos o dobro do tempo que os programas de ensino determinam. Uma greve de estudantes é quase sempre uma greve de pais de estudantes.

Não são, como erradamente se julga, os estudantes os autores de todos os conflitos com o Estado. Dá-se precisamente o contrário: é o Estado quem, anualmente, uma vez quando não são duas ou três, se mete com eles. Isso acontece porque no ministério da Instrução faz-se em matéria de ensino uma obra dissidente, de efeitos meramente destrutivos. Os ministros daquela pasta sucedem-se, multiplicam-se com uma proliferação inquietante e fatal. E cada um deles que sobe as sujas escadas de pedra, que devia ter sido branca, daquele ministério irrompe pelo seu gabinete cheio de preocupações reformadoras e de planos formidáveis. O que os outros fizeram não passa, segundo os que tomam posse, dum porcaria ignobil. Todos eles querem pôr isto a direito. E começam por deitar abaixo os estudantes que se matricularam ao contrário, e os que se matricularam ao abrigo de certas disposições legais, são gravemente atingidos nos seus adversários, cujos processos políticos são pouco escrupulosos. E depois não diz mais nada, não faz mais nada: afira com as suas patas supostamente pedagógicas contra a parede e põe-se à espera que os alunos regressem às aulas. E vai esperando até abandonar o ministério, seguindo depois o sucessor que começa por resolver o conflito e acaba por desencadear outro.

Há também o aspecto cômico: alunos que se matriculam no sétimo ano dos liceus e uma reforma surge suprimindo o sétimo ano. Para onde vão eles? Eles ficam sem saber para onde vão, porque pela reforma vêm-se a apurar que eles não sabem o sexto ano, depois de o terem feito.

Zangaram-se agora os alunos do Liceu Camões e brandiram logo de entrada o espectro da greve. O que foi? Aumentaram-no novamente as propinas, numa proporção que excede 100%. Se o Terreiro do Paço continuar sem juizo acontecerá que os frequentadores de liceus e universidades em vez de tirarem um curso escolar acabam por concluir um interessante curso de greves, altamente prático e altamente experimental.

desempoeirado, é necessariamente revolucionário.

Mostrámos o papel importantíssimo da ciéncia no progresso humano, mas fizemos notar que ela não poderia ser ministrada a todos os indivíduos plenamente desenvolvida.

Para que a ciéncia não se perca ou retrogride, antes possa incessantemente progredir, é, pois, necessário que certos indivíduos a cultivem por especialidades e transmitam a indivíduos mais novos o que doutros receberam, acrescido das suas descobertas ou pontos de vista pessoais. Daqui a necessidade de outra ordem de escolas, destinadas a transmitir aos indivíduos saídos da escola de cultura geral, que para isso sintam vocação, as diversas ciéncias que dão o desenvolvimento que elas comparam. Essas escolas são as universidades.

As universidades actuam não preenchendo esse sim senão muito imperfeitamente, porque nelas estão exortadas facultades que deveriam passar à classe das escolas profissionais. Isto prejudica consideravelmente o ensino da ciéncia pura, porque o torna muito limitado e incerto. As actuais faculdades de ciéncias davam três faculdades distintas. Nas denominadas de letres é melhor não falarmos; são, mesmo cada uma das suas secções, autênticos liceus, aparte o desenvolvimento um pouco maior que se dá às disciplinas...

Nós sabemos que não é possível, com a presente organização da sociedade, dar às universidades a sua função própria. Mas o verdadeiro educador não pode ficar amarrado a velha fórmulas, que já não se adaptam às necessidades e aspirações da época. Se comprehende o alcance da sua missão, o educador, repetimo-lo, tem de ser revolucionário, no sentido humano e elevado da palavra.

Eraldo MESSINO

## Secção telegráfica

C. G. T.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Faro — Associação Marítima.—Recebemos ofício. O advogado é o dr. João Evangelista Campos Lima, em nome do qual deve ser passada a procuração dos camaradas que estão para responder. O advogado parte daí no combóio da noite no dia 16 ou 17.

Covilhã — Em harmonia com a nossa informação, relativa à pretensão de José Pinto Ferreira, temos de colher elementos no conselho prisional, o que faremos breve, e depois informaremos.

Vila Boim—Associação Rural.—Recebemos requerimento e procuração, aos quais vamos dar o devido destino.

Federações

DO LIVRO, DO JORNAL E SIMILARES

Pórtio—Conselho Inter-Federal.—Segue expediente e ofício.

Na reunião de ontem, o Conselho Confederal encarregou o Comité de esclarecer devidamente toda a Organização acerca dum manifesto ultimamente distribuído e assinado por 6 organismos.



## O que vai por esse mundo fora

Os cantonenses avançam sobre Xangai e só a Inglaterra prepara a resistência. As tropas do governador de Xangai foram já derrotadas, sendo isso um mau preságio para os intrusos. Os cantonenses obtida a primeira vitória na província de Chekiang, avançam rapidamente sobre Xangai. Os ingleses presentem um choque terrível e, enquanto procuram desmentir a importância da primeira vitória decisiva dos nacionalistas de Cantão, fazem evacuar de subitíssimos seus os vários pontos ameaçados pelo avanço do inimigo.

Os reforços da Inglaterra partem sem descanso, trazendo inquieta a própria imprensa, que afirma, com uma insistência notável, que uma guerra se vai desenrolar com desvantagens perigosas para o comércio e para o prestígio do império britânico.

Ante uma próxima declaração de guerra, desenham-se um movimento de alarme e protesto. Os trabalhistas e os dirigentes reformistas condannam publicamente o envio de tropas e navios para a China. Em Nottingham, a organização operária constitui um comité de agitação. O escritor Wells associa-se aos trabalhistas no movimento de protesto. A imprensa sobressalta-se assim, o Daily Herald convidou o governo a explicar claramente as suas intenções, considerando perigoso para a paz o movimento de reforços; o Daily News acusou o governo de tentar uma luta que se tornaria despendiosa e inutil.

O governo de Cantão fez publicar um comunicado em que diz: «É inútil discutir-se o que a Grã-Bretanha ou outros governos estejam dispostos a conceder à China para satisfação das suas aspirações. O que deve desejar-se conhecer é o que o nacionalismo chinês possa conceder à Grã-Bretanha e a outras nações». No entanto, o governo nacionalista oferece ensejos para se entabarem negociações.

A suzerania finançaria

O negócio dos tabacos

PARIS, 28.—Assegura-se que o rendimento líquido do monopólio dos Tabacos, gerido pela Caixa de Amortização, atingiu em 1927 dois bilhões e meio de francos, que servirão para garantir os «Bonus» da Defesa nacional. (H.)

Números flamantes

ROMA, 28.—O orçamento do ministério das obras públicas para o ano económico 1927-28, apresentado à câmara dos deputados, contém um programa de novos trabalhos, para os quais são destinados 1.213 milhões de liras. (L.)

Ameaça britânica

XANGAI, 28.—Chegaram ontem duas companhias do quinto regimento de Punjab, sendo hoje esperada outra, vindas de Hong-Kong. E a primeira vez, desde há 27 anos, que entram tropas britânicas em Xangai. Continua causando grande ansiedade a expectativa dos acontecimentos que poderão desenrolar-se com a entrada do novo ano chinês, na próxima quarta-feira. (L.)

O apoio dissimulado da Itália

ROMA, 28.—Segundo o «Giornale d'Italia», as propostas ultimamente feitas pelo governo italiano ao governo de Cantão contêm várias concessões relativas à jurisdição chinesa das alfândegas e a supressão da polícia mista nas zonas que gozam de direito de extra-territorialidade. (L.)

Um aventureiro?

OTTAWA, 28.—O major-general MacBrien, chefe do estado-maior canadense, pediu a demissão, oferecendo-se para fazer parte do corpo expedicionário à China. (L.)

As intenções japonesas

TOKIO, 28.—Os jornais anunciam ser intenção do governo concluir um novo tratado com a China, na base do tratamento de igualdade, com a abolição dos direitos de extra-territorialidade e o tratamento comercial aliançário de nação mais favorecida. (L.)

Navegabilidade de partida

WASHINGTON, 28.—Alarmado com as notícias recebidas de Xangai, o governo ordenou a imediata partida de mais navios de guerra para as águas chinesas. (L.)

A questão de Tanger

As ambições das potências

O governo espanhol analisa o seu posicionamento com os governos estrangeiros a posse de Tanger. A Espanha quer integrar nos seus domínios aquela zona internacionalizada. Os objectivos das potências — a Itália, a França, a Inglaterra — residem na política colonial e militar de cada uma delas. O predomínio no Mediterrâneo e a fundação de colónias são as duas principais razões do antagonismo das potências. Esta questão ameaça, até 1914, a paz europeia e, agora, que resurge o perigo de conflitos não é menor.

PARIS, 28.—O sr. Quiñones de León, embaixador espanhol, regressou de Madrid, tendo conferenciado seguidamente com o sr. Briand. Depois dessa conferência foi marcado o dia 7 de fevereiro para o início das conversações acerca do Estatuto da zona internacional de Tanger.

A política americana

A opinião de um russo acerca do México

ROMA, 28.—Petzowski, ex-ministro da Rússia no México, declarou numa entrevista que o melhor elemento da classe indígena da América latina é completamente desconhecido, e que no seu regresso à Rússia fará todos os esforços para o tornar conhecido.

O diplomata russo afirmou que o México é um meio inteiramente favorável a uma legislação idêntica à da Rússia, com a simples diferença de que as leis mexicanas não são aplicadas.

Petzowski declarou que o programa russo será desenvolvido no México, traduzindo os melhores livros a tornar conhecidos no México, e que o presidente Calles merece toda a simpatia russa. (L.)

Fomento capitalista

BUENOS AIRES, 28.—O grande diário La Nación diz que o presidente da República deliberou tomar a iniciativa dum plano de colonização europeia em vastos territórios argentinos, sob a fiscalização das várias companhias anglo-argentinas de caminhos de ferro. São projectadas várias fábricas de pagamento. (L.)

Os negócios norte-americanos

WASHINGTON, 28.—Segundo o relatório de Dezembro do Federal Reserve Bank, o volume das transacções comerciais diminuiu consideravelmente naquele mês, constituindo o mais baixo record. (L.)

A submissão de Panamá

PANAMÁ, 28.—O parlamento devolveu ao presidente da república o tratado com

## Vida Sindical

### Comunicações

Empregados Menores do Estado.—Em assembleia geral decidiu-se manter as reclamações apresentadas ao governo. Elegeram-se os seguintes corpos gerentes: Assembleia geral, Isidoro Soares, João Maria Alves e Francisco Silva. Direcção, José Francisco Pinto, Joaquim Elias Rocha, João dos Santos Giesta, José Marcelino, Manuel Joaquim e Silvino Gomes. Conselho Fiscal, Alberto Oliveira, Eduardo Costa e Manuel Dias Almeida.

### Convocações

REÚNEM HOJE:  
Confiteiros, Pasteleiros e Chocolatiers.—Pelos 21 horas, assembleia geral, com a seguinte ordem: Continuação dos trabalhos da última assembleia; Relatório e contas do 4.º trimestre de 1926; Nomeação da Comissão Revisora de Contas; Nomeação dos corpos gerentes para 1927.

### DIAS PRÓXIMOS:

Federação Mobiliária.—Conselho Federal.—Reúne na próxima quarta-feira.

### Sindicatos da província

Empregados de Hoteis, Restaurantes e Cafés de Coimbra.—